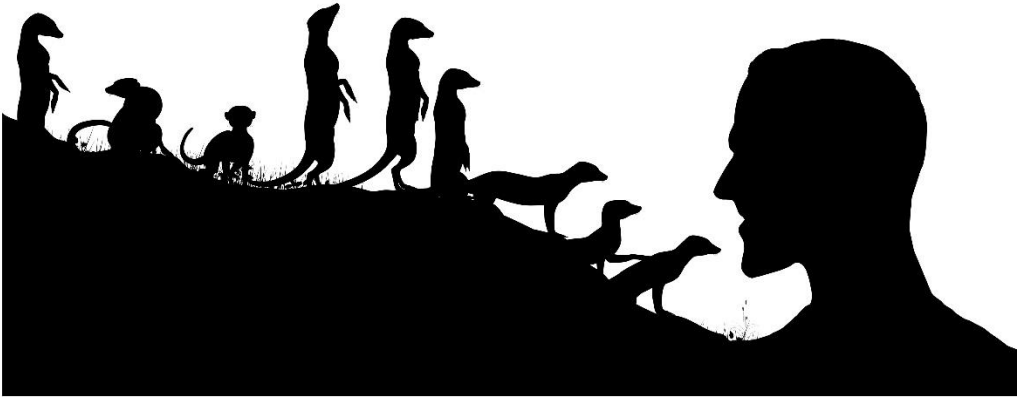


PERGUNTE À NATUREZA.

Atributos Invisíveis

Um conto de
WILLIAN DOUGLAS FERNANDES



Atributos Invisíveis

Um conto de

Willian Douglas Fernandes

Acredito ser necessário esclarecer que ainda não entendemos a maior parte da natureza e seus produtos. Cada ser que faz parte do cosmos, com suas características individuais, parece transmitir-me alguma coisa. E o que me transmite é diferente de tudo o que já vi a humanidade propor.

A natureza é única e por isso a controvérsia não deveria existir. Infelizmente, como um grande cientista, encaro a mea-culpa de que existem interesses específicos além da verdade, mas não quero parecer conspiracionista. Só inicio minha história com a manhã em que, antes de sair para trabalhar, refletia sobre um antigo conto oriental: “A verdade e a mentira foram tomar banho no rio. Despiram-se e entraram nas águas. A mentira, enganosa como sempre, saiu primeiro e vestiu-se com as roupas da verdade. A verdade preferiu andar nua a vestir as roupas da mentira. Foi então que as pessoas preferiram uma mentira transvestida a uma verdade nua e crua.”

Depois do que criei, até meus amigos mais íntimos não conseguem fugir de me chamar de Dr. Ariel. Pelo menos eles esquecem o sobrenome. Na época, meu querido Pai era o único que restou a me chamar só de Ariel. Um comportamento típico dos maiores poetas. Que saudade ele me faz!

Não quero cansar você com termos técnicos e explicações extensas que me renderam dois volumes de não-ficção, portanto vou apenas dizer que criei uma máquina capaz de me transformar em qualquer outro ser, além de entender o que eles dizem com suas linguagens corporais e frequências sonoras. Posso me tornar uma baleia azul ou mesmo um pequenino rizópode. Todos eles podem falar. Acredite se quiser, seu cão diz mais do que “te amo, meu dono” e “quero comida”.

Você já deve me conhecer pelos meus quinze minutos de fama: o Dr. Metamorfo. Só que em vez de me tornar um super-herói, resolvi continuar corrigindo provas na Universidade do Michigan. Depois de pensar bastante sobre aquele pequeno texto, olhei o relógio e me apressei a terminar meu cereal. Era a hora de ir.

Cheguei à universidade com seis minutos de atraso, mas não importava; minha época de pontualidade havia passado. Os estudantes pareciam ansiosos. Tenho o orgulho de mencionar que sou um professor querido. A aula era Zoologia de Invertebrados, mas por um motivo que eu só compreendo hoje, o tema do design intencional veio à tona bem nos nossos últimos minutos.

— Design Inteligente é só uma hipótese, Anna — George, um dos primeiros da classe, respondeu à menção da garota — É uma linha de pensamento religiosa e pseudocientífica. Nada mais que isso.

— Eu discordo, George. — Anna respondeu — O Evolucionismo é uma linha de pensamento baseada no naturalismo filosófico. O Design Inteligente é só outra corrente baseada no Criacionismo, que nada tem que ver com religião. Alguns criacionistas consideram a criação da vida na Terra como ato de uma raça superior do universo, por exemplo. Muitos deles nem são religiosos.

— Um monte de besteira. — Um aluno do fundo disse risonho — Esse negócio de deus não existe. Melhor você tirar o bandeide logo e agradecer a gente depois, Anna.

— Bem, — Alvin, um outro garoto que que se destacava como Anna e George, entrou com timidez — Eu acredito que a Anna pode continuar pensando do jeito dela. Eu também ainda acredito na existência de um criador e espero que em algum momento eu confirme ou negue de vez isso tudo.

— Ah, cara, sei lá... — George se virou para mim — E você, Professor? Dá um veredito pra gente.

Mal sabiam aqueles jovens que, além das exigências dos outros cientistas para que eu admitisse a não-existência de um ser divino, eu não encontrava nada que me dissesse para crer ou não crer. Temos que ser honestos intelectualmente para dizer que há furos enormes na teoria de Darwin, mas também sabemos que os relâmpagos caem porque há uma diferença de potencial elétrico entre porções de matéria e não porque um deus o lançou para nossos campos.

— Certo... — eu comecei — Bertrand Russell dizia que "quando um homem lhe diz que conhece a verdade exata sobre qualquer coisa, você pode seguramente deduzir que está diante de um homem inexato". Ou seja, a prova científica não alcança a realidade única, mas acredito que se alguém sabe de onde veio, esse alguém é a natureza. Lembrem-se sempre que a Biologia não diz nada; apenas biólogos dizem algo. A Física, a Medicina, a ciência em si é uma ferramenta, um meio de se chegar a um fim e é aí onde deve ficar. Há linhas de pensamento criadas por cientistas. Criacionistas são tão capacitados quanto evolucionistas e quase não são minoria.

— Então — George deu de ombros — se a natureza "sabe", o que ela diz, professor?

— Você está se formando para tentar descobrir. — Respondi três segundos antes do sinal tocar e todos caminharem para fora da sala pensativos.

A princípio, eu não levei em consideração. Era só uma velha linha de questionamentos intensa que sempre seria bem-vinda na academia. Só que quando finalmente retirei os sapatos em frente à cama, tomei um banho restaurador e fui ao laboratório de casa ver como estava minha máquina, pensei no que meus alunos me levaram a dizer. "Se alguém

sabe, esse alguém é a natureza". De repente, a resposta que dei a George não pareceu suficiente e a pergunta flutuou em minha mente. "Se a natureza sabe, o que ela diz?"

Eu resolvi listar alguns princípios das duas vertentes, Anna e George. Para Anna, tudo era respondido com o deus único da crença judaico-cristã. Um ser inigualável e totalmente acima de tudo. Um ser inimaginável que os cristãos acham que conseguiram descrever em um livro. Por mais que parecesse patético, eu precisava manter o método, mas resolvi procurar observar primeiro o que a natureza me diria a respeito do que pensava George. Parecia menos maçante.

Para o rapaz, deuses eram descartados e a teoria do design intencional também. A natureza deveria confirmar isso através de seus seres. Seleção natural significa competição, egoísmo, sobrevivência. O caos do universo deveria suprimir a ideia de design. A "complexidade" deveria se mostrar apenas complicação. E assim tudo seria respondido satisfatoriamente.

Foi assim que eu comecei. Naquela noite eu só voltaria para casa com uma resposta de verdade.

A máquina calculou as variáveis que me tornariam o ser que demonstraria a maior evidência da seleção natural: a sobrevivência do mais apto, a individualidade, o gene egoísta. E por mais que haja a rejeição à ideia de que nada tenha que ver com egoísmo, é bobo separá-lo da necessidade individual de subsistir.

A cabine se fechou e o gás trouxe-me sono. Um instante depois, meus olhos abriram e eu vi um deserto. Minhas mãos — que agora eram patas esguias com frágeis garrinhas — estavam unidas ao corpo cheio de pelo castanho. Eu estava de pé no alto de uma rocha e outros seres parecidos

comigo coletavam algo em buracos daquele chão árido com as cabeças enfiadas e o corpo vulnerável. Éramos suricatos.

Senti vontade de rir. Não sabia se a pegadinha tinha vindo da máquina ou da própria natureza. Infelizmente, para mim, meu rosto possuía um focinho, agora, e isso me impedia de gargalhar. Mesmo assim, um parceiro mais velho percebeu:

— Atenção, garoto! — ele ordenou ereto como um poste enquanto observava os coletores — Sua função requer atenção.

— Ridículo. — Neguei com a cabeça. Ele se virou para mim — Isso não é válido. Suricatos não são altruístas.

Se o rosto dele fosse humano, aquele suricato adulto ergueria uma sobrancelha.

— Você e eu não estamos em posição de risco. Vamos avistar predadores primeiro e nosso posto de vigia está próximo da toca. Me sinto cheio, o que significa que eu só iniciei a vigilância quando comecei a comer. Isso não é altruísmo, isso é egoísmo.

— Desde quando? — o adulto perguntou.

Eu me calei. Ele continuou e seu corpo dizia que eu o havia ofendido:

— Não sei onde aprendeu isso, menino, mas pare já.

— Eu não quis... — tentei explicar-me, mas ele prosseguiu por cima:

— Quer saber onde está o altruísmo? Quando um de nós está cheio ele não entra na toca e deixa a comunidade à mercê do inimigo. Ele fica aqui e os livra do mal até que todos estejam seguros em casa. Nos chamar de egoístas é uma estupidez que só os humanos cometem diariamente. Eles são egoístas e ingratos e assim desejam que todo ser da Terra proceda.

Eu só pude olhar para meus próprios pés e continuar ouvindo. Quão envergonhado fiquei! O adulto continuou: